

# É POSSÍVEL MANTER A NEUTRALIDADE NA PSICOTERAPIA *ONLINE* NO CONTEXTO DA PANDEMIA?

## Is it possible to maintain neutrality in an online psychotherapy in the context of the pandemic?

ELISA CARDOSO AZEVEDO<sup>1</sup>  
CRISTIANE FRIEDRICH FEIL<sup>2</sup>  
CRISTINA LESSA HORTA<sup>3</sup>  
LUÍSA FEIJÓ PINHEIRO MELLO<sup>4</sup>  
LUÍSA FOCESATO DALL'AGNOL<sup>5</sup>  
ROBERTA IANKILEVICH GOLBERT<sup>6</sup>  
HELENA DA SILVEIRA RITER<sup>7</sup>

---

RESUMO: As medidas de isolamento impostas pela pandemia de covid-19 geraram uma importante mudança no enquadre psicoterápico, migrando da modalidade presencial para *online*. Essa situação promoveu reflexões quanto à técnica psicanalítica e levantou questões quanto à manutenção da neutralidade nessa modalidade de psicoterapia. Partindo de questionamentos suscitados a partir de uma pesquisa realizada pelas autoras em torno dos

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Doutora em Psicologia (UFRGS). Psicoterapeuta da Infância e Adolescência (CEAPIA). Especialista em Saúde da Criança (RIMS/HCPA). Especialista em Psicologia Hospitalar (HMV/HCPA). E-mail: lielisa@gmail.com.

<sup>2</sup> Psicóloga (PUCRS). Mestre em Psicologia (PUCRS). Psicoterapeuta da Infância e Adolescência (CEAPIA). E-mail: cristianefeil@gmail.com.

<sup>3</sup> Psicóloga (UCPel). Mestre em Saúde e Comportamento (UCPel). Doutora em Psicologia Clínica (PUCRS). Psicoterapeuta da Infância e Adolescência (CEAPIA). E-mail: cristinalessahorta@gmail.com.

<sup>4</sup> Psicóloga. Psicoterapeuta da Infância e Adolescência (CEAPIA). E-mail: luisamello.psico@gmail.com.

<sup>5</sup> Psicóloga. Psicoterapeuta da Infância e Adolescência (CEAPIA). E-mail: luisafoche@gmail.com.

<sup>6</sup> Psicóloga (PUCRS). Psicoterapeuta da Infância e da Adolescência (CEAPIA). E-mail: roberta.golbert@gmail.com.

<sup>7</sup> Psicóloga (UFRGS). Psicoterapeuta da Infância e da Adolescência (CEAPIA). Mestre em Psicologia (UFRGS). E-mail: helenariter@gmail.com.

desafios da psicoterapia *online*, este artigo se debruçou sobre o conceito de neutralidade. Buscou refletir acerca da neutralidade na psicoterapia *online* no contexto da pandemia, retomando a história do conceito e propondo uma reflexão acerca dos efeitos de eventos como a pandemia no modo de compreender a neutralidade. Percebeu-se que a essência do conceito não se alterou, mas que ideias referentes à ampliação do *setting*, à elasticidade da técnica e ao trauma compartilhado têm sido incorporadas à compreensão de neutralidade, contribuindo para o desenvolvimento da técnica psicanalítica em consonância com as mudanças sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Psicoterapia. Covid-19. Psicanálise.

ABSTRACT: The covid-19 pandemic and subsequent isolation measures have brought about a significant shift in the landscape of psychotherapy, transitioning from in-person sessions to online platforms. This situation has prompted reflections on the psychoanalytic technique and raised questions about maintaining neutrality in this mode of therapy. Building on inquiries arising from a research study conducted by the authors on the challenges of online psychotherapy, this article delves into the concept of neutrality. It seeks to reflect on neutrality in online psychotherapy within the context of the pandemic by revisiting the history of the concept and proposing a contemplation on the effects of events such as the pandemic on our understanding of neutrality. It was observed that the essence of the concept remained unchanged, but ideas related to expanding the therapeutic setting, the flexibility of the technique, and shared trauma have been incorporated into the understanding of neutrality. This contributes to the development of the psychoanalytic technique in harmony with social changes.

KEYWORDS: Psychotherapy. Covid-19; Psychoanalysis.

## Introdução

A pandemia de covid-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (2020) como um importante problema de saúde pública. A fim de conter a disseminação do vírus no Brasil, medidas de isolamento social passaram a ser adotadas. Com isso, recomendou-se que os atendimentos de psicoterapeutas e psicanalistas ocorressem preferencialmente na modalidade *online* (CRPRS, 2020).

Diante dessa situação e da necessidade de conhecer mais sobre psicoterapia online, realizou-se uma pesquisa no início do ano de 2021 sobre os desafios da psicoterapia *online*. Buscava-se, assim, descrever e investigar a experiência dos profissionais que estavam atuando com psicoterapia de orientação psicanalítica com crianças e adolescentes na modalidade online, no contexto de distanciamento social, na cidade de Porto Alegre. A partir de questionamentos suscitados durante a elaboração do estudo e a análise dos dados obtidos, elaborou-se este artigo de revisão narrativa da literatura, o qual se debruça sobre o conceito de neutralidade.

A escolha por esse importante preceito da teoria psicanalítica se deu pelo reconhecimento de que, mesmo os psicanalistas mais clássicos compreendendo, em casos especiais, como não desejável ou possível uma neutralidade absoluta, as recomendações quanto à neutralidade não costumam ser contestadas

pelos analistas (Laplanche & Pontalis, 1996). No passado, a visão do psicoterapeuta como “uma imagem mítica, que apenas emergia na penumbra do consultório, afastada da realidade e do contato com o paciente” (Sigal, 2019, p. 174) era considerada um modelo ideal para o enquadre do tratamento. Atualmente, pensa-se de forma menos rígida e se entende que os terapeutas são implicados pelo mundo que os cerca, assim como os tratamentos também o são. Ressalta-se, assim, a importância de o psicanalista poder se colocar perante os acontecimentos da época em que se encontra, uma vez que a privação de viver e de se expressar não faria bem nem ao paciente, nem a si mesmo (Sigal, 2019). Ou seja, procura-se ir na direção de uma “neutralidade possível” (Eizirik, 1993), que leva em consideração o fato de que o analista está também inserido no mundo real.

A pandemia de covid-19 apresentou uma realidade em que todos estavam envolvidos e, portanto, compartilhavam um trauma. Além disso, a modificação abrupta do *setting* para o formato online levou tanto terapeutas quanto pacientes a exporem e a se inserirem em cenários da vida privada. Tais fatores poderiam representar um desafio para a manutenção da neutralidade, o que não se verificou entre os respondentes do estudo empírico conduzido pelas autoras. O delineamento quantitativo da pesquisa não permitiu compreender como a manutenção da neutralidade não foi percebida como desafio. No entanto, suscitou questionamentos e reflexões sobre como a neutralidade no atendimento psicanalítico online em um contexto da pandemia estava sendo compreendida: haveria, entre os respondentes, uma compreensão equivocada sobre o conceito de neutralidade? Seria o período de pandemia um caso especial e os psicoterapeutas estavam entendendo a manutenção da neutralidade de forma mais flexível?

No presente artigo, retoma-se a história do conceito de neutralidade e, a partir de proposições de autores clássicos e contemporâneos, busca-se refletir acerca do conceito de neutralidade na psicoterapia online em um contexto de pandemia de covid-19. Propõe-se, assim, uma reflexão acerca dos efeitos de eventos como a pandemia no modo de compreender a neutralidade, sem a pretensão de esgotar o tema ou oferecer respostas.

## **Reflexões sobre neutralidade na literatura psicanalítica**

Uma das características mais marcantes na obra de Freud é a sua capacidade de rever seus conceitos a partir de erros e de inconsistências que, com o tempo, percebia tanto na teoria quanto na clínica. Seu desenvolvimento da psicanálise se deu dessa maneira. Na descrição do caso Dora, Freud (1905/1969a) relata a interrupção do tratamento devido ao apaixonamento da paciente por ele, admitindo não ter se dado conta da transferência a tempo. A partir desse caso, Freud pôde pensar que a posição do analista favorece que a paciente dirija a ele seus complexos, havendo um deslocamento de desejos infantis para a pessoa do analista. Tais desejos, assim atualizados, constituem a transferência.

Esse reconhecimento elucidou posturas técnicas fundamentais para a boa condução de um tratamento psicanalítico, como a neutralidade e a abstinência, que dizem respeito às atitudes do analista.

Embora Freud não tenha se ocupado de mencionar ou de definir diretamente o conceito de neutralidade, a análise de sua obra revela o conjunto de regras técnicas que passou a ser assim denominado. Ao utilizar analogias como a frieza de um cirurgião e como um espelho, Freud (1912/1969c) propôs que o analista não deve se envolver emocionalmente, devendo “ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não lhes mostrar nada, exceto o que lhe é mostrado” (p. 157). Deve ser neutro quanto aos valores religiosos, morais e sociais, não intervir enquanto individualidade psicossocial e abster-se de qualquer conselho.

A neutralidade não qualifica a pessoa real do analista ou terapeuta, mas sim a sua função. Constitui-se como uma recomendação técnica, estritamente relacionada ao tratamento: neutralidade em relação ao que se escuta, quanto ao discurso do paciente e às manifestações transferenciais para, então, fazer conexões que favoreçam a construção de uma interpretação (Laplanche & Pontalis, 1996) – a ferramenta básica do tratamento psicanalítico.

O conceito de abstinência apareceu pela primeira vez em Freud no texto “Observações sobre o amor transferencial”. Ao discutir o manejo técnico em relação ao amor transferencial, Freud (1915/1969b) propôs que “o tratamento deve ser levado a cabo na abstinência” (p. 182), referindo-se à necessidade de não satisfazer o desejo da paciente. Para ele, é importante que “a necessidade e o anseio da paciente nela persistam, a fim de poderem servir de forças que a incitem a trabalhar e efetuar mudanças” (Freud, 1915/1969b, p. 182).

De acordo com Laplanche e Pontalis (1996), abstinência é uma regra da prática analítica segundo a qual o tratamento deve ser conduzido, de modo que o paciente encontre o menos possível de satisfações substitutivas para os seus sintomas. Para tanto, recomenda-se ao analista que se recuse a satisfazer os pedidos do paciente e/ou a preencher os papéis que este tende a lhe impor. A partir de uma compreensão psicodinâmica, esses autores ainda apontam que o que impulsiona o tratamento tem origem na existência de um sofrimento por frustração. Sendo assim, é importante manter a frustração que gera o conteúdo transferencial para evitar a estagnação do tratamento, entendendo que o sofrimento tende a se atenuar à medida que os sintomas dão lugar a comportamentos substitutivos mais satisfatórios.

Houve um período em que a questão da abstinência esteve colada à da neutralidade (Lima et al., 2020). Para que o analista não se expusesse, era preciso ser neutro. De acordo com Ungar (2014), neutralidade e abstinência são conceitos psicanalíticos que se inter-relacionam, uma vez que a neutralidade, a fim de ser alcançada, apoia-se na abstinência. Além disso, de acordo com esta autora, ambos estão relacionados à atitude analítica, que inclui tanto as proposições formais do enquadre como o estado mental do analista.

Repensando sobre o conceito de neutralidade, Hoffer (1985) refere que está relacionada à distância ótima na qual obtém dados do campo analítico se utilizando da associação livre do analista. De acordo com esse autor, a neutralidade é a posição da qual o analista observa. Somando a essa ideia, Moore e Fine (1990) apontam que o analista deve evitar a imposição dos seus próprios valores e se guiar pelas capacidades do paciente, não por seus próprios desejos.

Sem perder a indispensável empatia (Eizirik, 1993; Laplace & Pontalis, 1996), o analista, em sua relação com o paciente, observa, mantendo uma certa distância possível quanto: 1) ao material do paciente e à sua transferência; 2) à contratransferência e à sua própria personalidade; 3) aos seus próprios valores; 4) às expectativas e pressões do meio externo; 5) à(s) teoria(s) psicanalítica(s) (Eizirik, 1993). Sendo assim, a grande questão para o analista, no que se refere à neutralidade, parece ser a dificuldade em encontrar o equilíbrio entre a sua observação e a sua participação (Souza, 2018).

Verifica-se uma evolução na forma de pensar o conceito de neutralidade com o passar dos anos. Sabe-se, inclusive, que com pacientes de difícil acesso os conceitos acerca da neutralidade do analista podem mudar, e, por vezes, exige-se também um foco além da frustração, entrando-se no âmbito do déficit e da necessidade de vitalização das relações (Alvarez, 1994). Assim como se torna fundamental revisitar os conceitos e atualizá-los para o contexto atual, ressalta-se a necessidade de se manter atento e pensante quanto à neutralidade e à posição do analista nos atendimentos de psicoterapia *online*.

## **O lugar da neutralidade na psicoterapia *online* na pandemia**

Não se pode dizer que a prática de atendimentos *online* no Brasil seja algo recente, pois desde 2002 essa modalidade é reconhecida para casos emergenciais. Além disso, no ano de 2012, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou a Resolução 11/2012 sobre atendimento psicológico *online* e demais serviços realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância. Recentemente, na Resolução 11/2018, a psicoterapia e mais serviços na modalidade *online* passaram a ser permitidos, exigindo apenas um cadastro do profissional, sendo esta já atualizada pelo CFP na Resolução 03/2020 (CRPRS, 2020). Com a possibilidade de oferta de psicoterapia *online*, os psicoterapeutas recorreram ao uso de ferramentas tecnológicas adequadas e, assim, passaram também a se aproximar cada vez mais dos meios virtuais. Contudo, no Brasil, as pesquisas sobre as intervenções psicológicas *online* ainda são escassas. No período da pandemia de covid-19, esse déficit foi percebido com maior intensidade, na medida em que os profissionais da psicologia tiveram que adaptar os seus atendimentos com urgência para a modalidade remota. Essa urgência também se deu na busca por orientações técnicas e conhecimentos especializados sobre como realizar intervenções psicológicas pautadas na éti-

ca, garantindo o sigilo e a proteção dos dados produzidos nas intervenções (Cruz & Labiak, 2021).

Ainda que a presença da tecnologia nos atendimentos psicanalíticos já fosse uma realidade, percebe-se que, antes da pandemia, as possibilidades e os limites dos recursos tecnológicos eram pouco discutidos em psicanálise (Barcellos et al., 2015; Colao et al., 2020; Crestana, 2015). Embora ainda existam tanto uma carência de estudos relacionados a tratamentos analíticos à distância (Azevedo et al., 2020; Migone, 2013) quanto questionamentos sobre serem estes verdadeiramente analíticos (Mirkin, 2019), pesquisas recentes têm se proposto a investigar como os psicoterapeutas psicodinâmicos percebem sua prática clínica *online*, especialmente no que tange à técnica e ao processo terapêutico (Feijó, 2018; Machado et al., 2020; Sanchez, 2021).

Um estudo brasileiro (Machado et al., 2020) explorou como psicoterapeutas de orientação psicanalítica realizam o tratamento *online* e como percebem o processo terapêutico nessa modalidade em seus aspectos técnicos e relacionais. Os autores identificaram que a psicoterapia *online* promove um processo muito semelhante ao processo de intervenção presencial, mas os terapeutas mencionaram dificuldades na adaptação da técnica psicanalítica ao novo ambiente, como, por exemplo, a diminuição do acesso ao conteúdo não verbal do paciente e as interrupções no processo psicoterapêutico devido a instabilidades e a falhas de conexão com a internet. Devido ao conteúdo não verbal limitado, os autores referem que os terapeutas participantes da pesquisa sentiram a necessidade de serem mais didáticos e de exercerem um papel mais ativo, fazendo maior uso da linguagem corporal com seus pacientes remotos. Dados semelhantes são encontrados em estudos realizados em outros países, nos quais a psicoterapia psicanalítica *online* com crianças e adolescentes mostrou-se uma possibilidade, apesar dos diferentes desafios, adaptações e limitações percebidos (Monzo & Micotti, 2020; Trub, 2021). Analisando vinhetas clínicas de atendimentos em psicoterapia psicanalítica *online* de crianças e adolescentes da região de Nova York durante o período inicial da pandemia de covid-19, Trub (2021) evidenciou a necessidade de flexibilização dos terapeutas em relação às regras e adaptação a novas formas de brincar e interagir com seus pacientes. Ressaltou, ainda, modificações advindas da intervenção familiar no atendimento e do fato de terapeuta e paciente estarem em ambientes físicos diferentes e distantes, intermediados pela tela, o que gerou a perda do controle do *setting* por parte do terapeuta, uma vez que os pacientes passaram a ter a possibilidade de, por exemplo, ligar e desligar o microfone. Em sua revisão de literatura, Monzo e Micotti (2020) acrescentam o desconforto de alguns terapeutas em relação à impossibilidade de visualizar o corpo dos seus pacientes e as perdas na comunicação sensorial.

Outro estudo brasileiro (Feijó, 2018) constatou que a forma com que os psicoterapeutas de abordagem psicodinâmica utilizam os recursos tecnológicos impacta a técnica psicoterápica psicanalítica, em especial a aliança terapêutica, a neutralidade, o *setting* terapêutico e a transferência. Analisando os dados

relacionados à neutralidade, os autores identificaram uma preocupação dos participantes com um possível impacto negativo no processo psicoterápico relacionado ao modo como se colocam nos meios de tecnologia da informação e comunicação, o que foi evidenciado diante da preocupação em “manterem-se neutros e reservados” (Feijó, 2018, p. 1641). Dessa forma, pode-se pensar que o exercício da psicoterapia na modalidade *online* pode levar ao surgimento de receios quanto a aspectos antes reservados ao âmbito pessoal dos psicoterapeutas, uma vez que os atendimentos via meios virtuais podem deixar aspectos de sua vida privada mais evidentes.

Svenson (2020) aponta que a psicoterapia *online* provoca sentimentos de maior vulnerabilidade tanto para analistas como para analisandos. O autor refere que essa modalidade deixa os profissionais mais vulneráveis e expostos pela proximidade dos elementos de sua casa, como sons ou demais informações que podem emergir no *setting*, propiciando-se um terreno fértil para *actings*, tanto por parte do analista como do paciente.

No estudo conduzido por Sanchez (2021) com analistas didatas durante a pandemia de covid-19, os desafios mais evidenciados pelos participantes em relação ao atendimento *online* foram: instabilidades das plataformas digitais, manutenção do *setting*, ausência da presença física, dificuldades com a neutralidade e com a atenção flutuante. Já as mudanças mais impactantes do atendimento *online* se mostraram relacionadas ao *setting* e à “neutralidade, que se modificou bastante com a casa do paciente e a nossa aparecerem nas nossas telas” (Sanchez, 2021, p. 15). Ainda em relação à neutralidade, Sanchez (2021) aponta que no atendimento à distância são mobilizadas ansiedades pelo fato de ser algo novo, levando o analista a uma postura mais ativa e, conseqüentemente, dificultando a manutenção de uma neutralidade necessária.

A temática dos atendimentos *online* passou a ser mais amplamente discutida devido ao isolamento social e à necessidade emergente de adaptação do *setting* (Moura, 2020). Esse contexto denota que é tempo de exercer uma psicanálise ampliada com um olhar voltado para a complexidade do contexto em que o sujeito se encontra, incluindo-se aqui o modo como o meio digital invade as sessões, especialmente de crianças e adolescentes (Colao et al., 2020; Holloway, 2021; Nayar-Akhtar, 2021). Alguns conceitos clássicos da teoria e da técnica psicanalítica mostraram-se pertinentes e atuais durante a pandemia. É o caso do conceito de “*setting* ampliado”, que traz uma ideia de ampliar os recursos psicanalíticos por territórios até então pouco explorados (Winnicott, 1965/1994), assim como do de “elasticidade da técnica” (Ferenczi, 1928/1992), que propõe que o terapeuta tenha uma elasticidade que lhe permita sentir com o paciente, considerando o sujeito e a sua circunstância. Entre estudos contemporâneos, cita-se a proposta de Holloway (2021), que estabelece 16 funções psicodinâmicas que o meio digital pode exercer nas sessões. Segundo o autor, tais funções devem ser pensadas dentro de um espectro que fluidamente circula entre a potencialização terapêutica/comunicação e a defesa/resistência. Também inte-

ressada em melhor compreender o uso da tecnologia no ambiente psicanalítico, Nayar-Akhtar (2021) propõe pensá-lo como uma “terceira realidade”, separada do mundo interno e do ambiente do paciente. O resgate dessas ideias clássicas, somado às novas proposições psicanalíticas, auxilia a formar psicoterapeutas nos novos tempos, considerando as transformações muitas vezes abruptas do *setting*, como a inclusão dos recursos tecnológicos (Gondar, 2020; Holloway, 2021; Moura, 2020; Nayar-Akhtar, 2021).

Os aspectos que ameaçam a neutralidade estão relacionados a situações ou a momentos de maior vulnerabilidade pessoal ou profissional do analista, situações sociais, econômicas e políticas que ameaçam a estabilidade do *setting* (Eizirik, 1993). Partindo dessas ideias, cabe questionar: quais são os desafios de manter uma neutralidade no atendimento *online* na pandemia levando em consideração que mudanças sociais, econômicas e políticas ocorreram em conjunto e que também os analistas ficaram mais vulneráveis do ponto de vista pessoal e profissional devido a essas questões?

Sendo assim, é relevante considerar nos processos psicoterápicos o que acontece para além das sessões. No momento pandêmico, ocorreu um fenômeno compreendido como “trauma compartilhado”, que diz respeito ao compartilhamento do medo da morte, medo da doença, do desamparo e de simplesmente não saber o que iria acontecer (Lima et al., 2020). Trata-se de um tempo de desamparo coletivo, uma espécie de trauma social, uma vez que no psiquismo não há representação simbólica relacionada ao enfrentamento de uma pandemia (Colao et al., 2020). Puget citada por Lima et al. (2020), nomeia tal fenômeno como “trauma superposto”, ou seja, quando analista e paciente vivem ao mesmo tempo as mesmas sensações em função do contexto externo, sublinhando que, assim, o analista acaba perdendo algo básico: a noção de diferença.

Nesse sentido, no tempo em que vivemos, pode-se pensar que “a abstinência é algo da ordem do poder escutar aquilo que é do partilhamento do conflito, do trauma, e o que é da lógica do sintoma do sujeito que estamos escutando”(Lima et al., 2020, p.20). Diante da crise pandêmica, a psicanálise precisa se manter como espaço de escuta do desejo de cada sujeito, como continente necessário para que se possa elaborar esse momento tão difícil no plano coletivo e individual (Assis, 2020). A situação atual exige do analista a necessidade de conter um evento traumático em seus pacientes, ao mesmo tempo em que esse também é processado dentro de si (Svenson, 2020).

Uma vez que, enquanto sujeitos, vivencia-se o período pandêmico, uma das ferramentas importantes é a análise pessoal do terapeuta (Quinet, 2021). O autor lembra que é por meio do seu processo de análise que o analista poderá se separar da sua história, dos seus sintomas e, assim, oportunizar ao sujeito que está tratando que traga suas próprias problemáticas e desejos, podendo ter mais recursos para a neutralidade possível (Quinet, 2021).

Além da análise, as outras duas partes do tripé fundamental da formação psicanalítica (Freud, 1913/1969d), a supervisão e os estudos teóricos, mais uma

vez se mostraram essenciais para a discussão e para a compreensão das possibilidades quanto à neutralidade no *setting online*. Em um momento em que pouco se sabia sobre psicoterapia *online*, lançou-se mão das bases teóricas e da experiência clínica prévias. Houve um movimento de adaptação de teorizações clássicas já existentes para nortear (e amparar) esse momento. Junto a isso, a discussão no espaço das supervisões com analistas mais experientes seguiu atuando como um recurso fundamental para elaboração e para construção dos atendimentos *online*. Viu-se, ainda, grandes espaços virtuais promovidos pelas mais diversas instituições de psicanálise (Sanchez, 2021), nos quais ocorreram muitas trocas entre colegas, pensando conjuntamente sobre as adaptações da técnica psicanalítica para a contemporaneidade.

## Considerações finais

A pesquisa empírica que origina este estudo abordou a temática da psicoterapia *online* com crianças e adolescentes. A partir das respostas obtidas sobre esse amplo tema, surgiram inúmeros questionamentos, entre eles, sobre a neutralidade. Sem a pretensão de oferecer respostas, por meio deste estudo buscou-se proporcionar uma reflexão sobre a neutralidade ao longo da história da psicanálise e, em especial, sobre a sua compreensão na psicoterapia *online* no contexto da pandemia de covid-19.

Por meio dos dados coletados com os psicoterapeutas, refletiu-se sobre a frequente confusão no uso dos termos neutralidade e abstinência dentro da psicanálise. A pergunta inicialmente proposta no questionário buscava investigar sobre a neutralidade. Contudo, diante das respostas dos psicoterapeutas, questionou-se de que forma os participantes compreenderam a pergunta e como compreendem os conceitos. Ainda que se possa considerar como uma limitação do estudo não ter sido definido o conceito neutralidade no questionário aplicado, foi essa situação que impulsionou as autoras a buscarem o que a literatura psicanalítica descreve sobre a temática e a elaborar uma reflexão sobre esse conceito aplicado à psicoterapia *online*. Baseado na prática clínica no contexto de pandemia, pensa-se de acordo com Zaslavsky (2021) no que concerne ao fato de que os tratamentos presenciais e *online* têm se mostrado semelhantes, mas não iguais. Sendo assim, como poderia a neutralidade não sofrer repercussões?

Desde as recomendações técnicas de Freud para o exercício da psicanálise, muitas mudanças sociais ocorreram e, por consequência, a técnica psicanalítica foi sendo adaptada às demandas dos sujeitos que nela buscam um espaço de escuta. Acredita-se que tal adaptação ficou ainda mais evidente no contexto dos atendimentos *online*. A essência das recomendações não se altera, os preceitos clássicos seguem, porém adaptações e novos conceitos surgem para que se possa seguir exercendo a psicanálise, considerando-se o contexto atual. São esses pilares que sustentam a técnica e fazem com que a neutralidade sofra

alterações de acordo com a época e com as crises históricas, como a pandemia.

Finalmente, é de extrema relevância fomentar discussões sobre essas temáticas nos centros de formação de psicoterapia de orientação psicanalítica, buscando instrumentalizar e atualizar os profissionais no uso inequívoco das teorias e da técnica em estudo. Os novos desafios, decorrentes do período pandêmico, demandam permanente reflexão sobre as intervenções *online*. A psicanálise enquanto intervenção clínica só permanece eficaz justamente pela sua capacidade de acolher as demandas de cada época.

## Referências

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Assis, C. (2023). *Atendimento psicanalítico em tempos de covid-19*. São Paulo: Sinpesp. Recuperado de <https://www.sinpesp.com.br/post/atendimento-psicanal%C3%ADtico-em-tempos-de-covid-19>
- Azevedo, E. C., Feil, C. F., Riter, H. S., Golbert, R. I., Lotti, L. M., Souza, L. W., et al. (2020). Psicoterapia de orientação psicanalítica on-line com crianças e adolescentes em tempos de isolamento social. *Publicação CEAPIA*, 29, 125-138.
- Barcellos, E. D., Campezzato, P. V. M., Geremia, L., Vieira, M. F., Cavalheiro, R., & Klarmann, R. P. (2015). As novas formas de comunicação e suas possíveis influências sobre o setting e o campo psicoterápico. *Psicoterapia Psicanalítica*, 17, 39-51.
- Colao, M. M., Pokorski, M. M. W. F., Fochesatto, W. P. F., & Rabuske, A. S. (2020). Psicanálise ampliada: possibilidades na pandemia. *Estudos de Psicanálise*, 54, 37-46.
- Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. (2020). *Guia de orientação para profissionais de Psicologia: atendimento on-line no contexto da COVID-19*. Recuperado de [https://www.crprs.org.br/conteudo/publicacoes/guia\\_orientacao\\_covid.pdf](https://www.crprs.org.br/conteudo/publicacoes/guia_orientacao_covid.pdf)
- Crestana, T. (2015). Novas abordagens terapêuticas on-line – terapias on-line. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(2), 35-43.
- Cruz, R. M., & Labiak, F. P. (2021). Implicações éticas na psicoterapia on-line em tempos de COVID-19. *Revista Psicologia E Saúde*, 13(3), 203-216. doi: <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i3.1576>
- Eizirik, C. L. (1993). Entre a escuta e a interpretação: um estudo evolutivo da neutralidade psicanalítica. *Revista Psicanalítica da SPPA*, 1(1), 19-42.
- Feijó, L. P., Silva, N. B., & Benetti, S. P. D. C. (2018). Impacto das tecnologias de informação e comunicação na técnica psicoterápica psicanalítica. *Trends in Psychology*, 26(3), 1633-47. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-18En>
- Ferenczi, S. (1992). Elasticidade da técnica psicanalítica In: S. Ferenczi. *Obras completas: Psicanálise IV* (pp.25-36). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1969a). Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. VII, pp. 1-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

- Freud, S. (1969b). Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise III). In: S. Freud. *edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. XII, pp. 177-188). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1969c). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. XII, pp. 147-159). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1969d). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XI, pp. 873-159). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Gondar, J. (2020). Psicanálise on-line e elasticidade da técnica. *Cadernos de Psicanálise*, 42(42), 37-45.
- Hoffer, A. (1985). Toward a definition of psychoanalytic neutrality. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 33(4), 771-795. doi: <https://doi.org/10.1177/000306518503300402>
- Holloway, R. (2021). Psychodynamic functions of digital media within our child/adolescent sessions – from interference to enhancement: a benevolent viewpoint. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 74(1), 349-378. doi: 10.1080/00797308.2020.1859281
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1996). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lima, A. M., Lago, C. P., & Hausen, D. C. (2020). Trauma compartilhado: uma ameaça à abstinência. *Revista CEPdePA*, 27, 13-24.
- Machado, F. L., Paris, F. L., & Barcellos, S. F. (2020). Prática da psicoterapia on-line por terapeutas psicodinâmicos. *Psico*, 51(3), e36529. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2020.3.36529>
- Migone, P. (2013). Psychoanalysis on the internet: a discussion of its theoretical implications for both on-line and offline therapeutic technique. *Psychoanalytic Psychology*, 30(2), doi: 281-299. <https://doi.org/10.1037/a0031507>
- Mirkin, M. (2011). Telephone analysis: compromised treatment or an interesting opportunity? *The Psychoanalytic Quarterly*, 80(3), 643-670. doi: <https://doi.org/10.1002/j.2167-4086.2011.tb00100.x>
- Monzo, M. P., & Micotti, S. (2020). Making the best of a bad job: a literature review on digital psychoanalytic psychotherapy with children, adolescents, and families at the time of the Covid-19 pandemic. *Journal of Child Psychotherapy*, 46(3), 273-280. doi: 10.1080/0075417X.2021.1878549
- Moore, B. E., & Fine, B. D. (Eds.). (1990). *Psychoanalytic terms and concepts*. American Psychoanalytic Association; Yale University Press.
- Moura, L. (2020). Psicanálise on-line e outras adaptações do setting: a elasticidade técnica “saindo do armário”. Recuperado de <https://docs.google.com/file/d/1dwijDqtxTzJTXqL9fWQ4L62kEE-vUhhW/edit?filetype=msword>
- Nayar-Akhtar, M. (2021). Digital Technology and the third reality: its ubiquitous presence in the analytic space. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 74(1), 335-348. doi: 10.1080/00797308.2020.1859287
- Organização Mundial da Saúde. (2020). *Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it*. Recuperado de <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel->

- coronavirus-2019/technical-guidance/namingthe-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it
- Quinet, A. (2021). *Análise on-line: na pandemia e depois*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições.
- Sanchez, L. (2021). Experiências de analistas didatas com o atendimento psicanalítico online em tempos de pandemia. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(2), 1-23.
- Sigal, A. M. (2019). Abstinência. *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 17(2), 172-183. doi: <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2019.v17i2.172-183>
- Souza, M. R. (2018). O jogo dos sentidos em psicanálise: alteridade, verdade e construção. *Psicologia USP*, 29(3), 385-393. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-656420170132>
- Svenson, K. (2020). Teleanalytic therapy in the era of covid-19: dissociation in the countertransference. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 68(3):447-454. doi: <https://doi.org/10.1177/0003065120938772>
- Trub, L. (2021). Playing and digital reality: treating kids and adolescents in a pandemic. *Psychoanalytic Perspectives*, 18(2), 208-225. doi: 10.1080/1551806X.2021.1896308
- Ungar V. (2014). A interpretação psicanalítica interrogada. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 21(3), 525-537.
- Winnicott, D. W. (1994). O valor da consulta terapêutica. In: D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 244-248). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1965)
- Zaslavsky, J. (2021). Observações preliminares sobre as mudanças no *setting* psicanalítico ocorridas no distanciamento social em tempos de pandemia (Tele Psicanálise, uma nova modalidade de atendimento?). *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(2), 355-367.